



Mulheres no comando

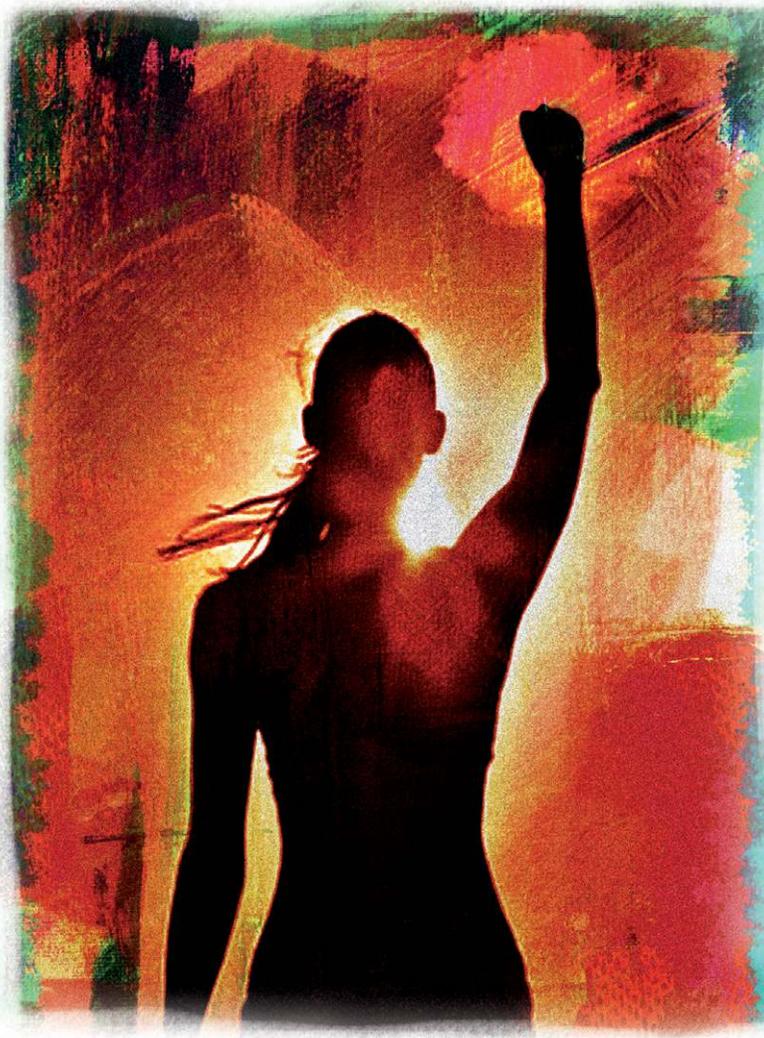
Os tempos mudaram, outro dia não podíamos sequer cursar uma universidade e agora tivemos, pela primeira vez na história, três mulheres concorrendo à reitoria da Universidade de Brasília (UnB). Quem vai confirmar a indicação é o presidente Lula, mas, de qualquer forma, uma consulta feita à comunidade acadêmica teve três chapas encabeçadas por mulheres.

Eu pessoalmente, não me surpreendo, pois nossa trajetória de conquistas vem num ritmo acelerado, o céu é o limite.

Nos últimos 30 anos, o mundo assistiu a uma onda de conquistas femininas que reconfiguraram sociedades e desafiaram normas estabelecidas. O Brasil, em particular, tem sido um belo palco de transformação, com mulheres desempenhando papéis cada vez mais destacados em diversas esferas da vida pública e privada.

No início do século 21, o Brasil começou a ver uma ascensão notável na participação feminina em cargos políticos. Em 2010, a eleição de Dilma Rousseff como a primeira presidente mulher do país foi um marco histórico. Embora sua presidência tenha sido marcada por desafios e controvérsias, seu governo representou uma vitória significativa para a igualdade de gênero e abriu portas para uma nova geração de mulheres líderes.

As conquistas femininas no Brasil não se limitam à política. As mulheres brasileiras têm demonstrado uma força extraordinária em diversos campos, desde a ciência até o entretenimento. A cientista Mayana Zatz, com sua pesquisa pioneira em genética, e a atriz Fernanda



Montenegro, cuja carreira transcendeu fronteiras e segue na ativa aos 94 anos de idade, são apenas exemplos de como as mulheres têm moldado e enriquecido a cultura e o conhecimento.

No cenário internacional, o movimento #MeToo, que ganhou força em 2017, destacou a prevalência do assédio sexual e incentivou uma onda global de apoio às vítimas. Esse movimento teve um impacto profundo, forçando muitas instituições a reavaliar suas práticas e a implementar mudanças que

buscam maior igualdade e respeito. A mobilização também trouxe à tona uma discussão mais ampla sobre o poder, o consentimento e a equidade de gênero.

Em áreas como a ciência e a tecnologia, o avanço das mulheres tem sido igualmente notável. Cientistas como Frances Arnold, vencedora do Prêmio Nobel de Química, e a matemática Maryam Mirzakhani, primeira mulher a receber a Medalha Fields, mostraram que o gênero não é um obstáculo para a excelência acadêmica. No Brasil, iniciativas

como o Programa Meninas nas Ciências estão promovendo o interesse de jovens mulheres pela ciência e tecnologia, com o objetivo de reduzir a lacuna de gênero em áreas STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática).

A luta pela igualdade salarial também ganhou força nas últimas décadas. Em muitos países, o princípio da igualdade salarial para trabalho de igual valor está se tornando uma prioridade política e econômica. No entanto, mesmo com os avanços, a equidade salarial ainda é uma meta distante. A persistência de diferenças salariais revela que a igualdade no mercado de trabalho continua sendo uma batalha a ser vencida.

No cenário cultural, a presença de mulheres em posições de destaque na literatura, no cinema e na música tem se tornado cada vez mais evidente. Escritoras como Chimamanda Ngozi Adichie e cineastas como Greta Gerwig têm desafiado e redefinido a narrativa feminina, oferecendo novas perspectivas e histórias que enriquecem a compreensão da experiência feminina.

Nas últimas décadas, temos dado passos importantes em direção à igualdade, claro que o assunto é complexo e as barreiras ainda existem, mas o fato de três mulheres terem encabeçado as chapas de reitoria da UnB é um indicio precioso, cada conquista deve ser comemorada... até o dia em que nós, mulheres, possamos ocupar todos os espaços.

Que venham reitoras, empreendedoras, atletas, artistas e tudo o mais... mulheres gigantes que façam com que suas atividades sejam vistas com letras maiúsculas.